



13^a REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2734 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)
GT 12 - Currículo

Usos dos espaçostempos da cidade: pistas para pensar o currículo
Iorrana Fioreti de Menezes Pupa - UFES - Universidade Federal do Espírito Santo

RESUMO

Os diversos discursos sobre currículo decorrem de pensamentos filosóficos diferentes. Assim, currículo não é visto imparcialmente e não se reduz ao prescrito por órgãos reguladores. Sentidos de currículos são produzidos com práticas, sentidos e vivências dos cotidianos das escolas (CARVALHO, 2009; FERRAÇO, 2005; ALVES, 2010). Com Certeau (1995; 2008), pensei o currículo praticado nos espaçostempos, não das escolas, mas da Orla de Camburi, Vitória, ES, partindo dos “usos” dos praticantes do lugar e apostando na potência política de suas práticas. Inspirada em Deleuze (2007) explorei a dimensão estética das práticas cotidianas como potências na produção de currículos nômades, inventivos e políticos, vindo dos encontros que desterritorializam e reterritorializam os espaçostempos da orla. Com diferentes estratégias de produção de dados, pensei a multiplicidade das práticas e as singularidades de usos na produção dos currículos de Camburi.

RESUMO

Os diversos discursos sobre currículo decorrem de pensamentos filosóficos diferentes. Assim, currículo não é visto imparcialmente e não se reduz ao prescrito por órgãos reguladores. Sentidos de currículos são produzidos com práticas, sentidos e vivências dos cotidianos das escolas (CARVALHO, 2009; FERRAÇO, 2005; ALVES, 2010). Com Certeau (1995; 2008), pensei o currículo praticado nos espaçostempos, não das escolas, mas da Orla de Camburi, Vitória, ES, partindo dos “usos” dos praticantes do lugar e apostando na potência política de suas práticas. Inspirada em Deleuze (2007) explorei a dimensão estética das práticas cotidianas como potências na produção de currículos nômades, inventivos e políticos, vindo dos encontros que desterritorializam e reterritorializam os espaçostempos da orla. Com diferentes estratégias de produção de dados, pensei a multiplicidade das práticas e as singularidades de usos na produção dos currículos de Camburi.

Palavras-chave: 1- Currículo 2- Cidade 3- Cotidiano

1. Introdução

Este trabalho problematiza as diferentes formas de viver os *espaçostempos* cotidianos da Orla de Camburi. Posiciona-se numa perspectiva certeuniana de que os “usos” vão além do planejado, pensamento potencializado pela ideia de nomadismo de Deleuze (1997) e reforçada por Certeau, pois para ele “[...] O cotidiano se inventa com mil maneiras de *caça não autorizada*” (2008, p. 38, grifo do autor).

Início deslocando o sentido de currículo escolar, ampliando-o para a cidade. Em seguida aposto em Certeau (1995; 2008) na inventividade do cotidiano e na potência política das práticas dos sujeitos praticantes em contraposição a um currículo prescrito e fixo das cidades. Após apresento a metodologia, análise dos dados e trago pistas para pensar o currículo nos espaçostempos urbanos.

Busquei em Alves (2008a, 2008b) as orientações sobre as pesquisas nos/dos/com os cotidianos, e em Certeau as discussões sobre como os praticantes potencializam outros sentidos para suas práticas políticas. E a partir daí relacionei as práticas cotidianas com a tessitura de políticas de currículos feita pelos usos dos espaçostempos de Camburi.

2. Da escola para o espaço urbano

A contemporaneidade é marcada por mutações aceleradas nos causando uma sensação de insegurança e atraso. A aceleração tornou-se o estado da cultura contemporânea, trazendo efeitos psicológicos, econômicos, culturais e sociais. E como uma sociedade é constituída? Com suas práticas sociais, seus valores, suas crenças, sua cultura (VEIGA NETO, 2004).

O currículo, pensado como “um artefato educacional que retira elementos de uma cultura e os escolariza” (VEIGA NETO, 2002, p. 43), usa as escolas como máquinas sociais para reproduzir um certo tipo de sociedade. Segundo Veiga Neto (2004), a invenção e a propagação do currículo não foi feita por pedagogos, mas articuladas por intelectuais, a universidade e a igreja católica, e retratam várias mudanças da Europa pós-renascentista.

Assim o currículo relaciona-se à sociedade e a cultura, uma vez que articula ordem e representação, tempo e espaços epistemológicos, de onde a escola produz ou reproduz uma sociedade. Isso porque a educação escolarizada tem papel de formar/educar seus membros. Daí o currículo ser estruturante e classificatório-disciplinador, capaz de moldar a sociedade. Veiga Neto (2004, p.68, 69) nos aponta a noção de currículo para além da escola,

No caso do currículo, restringir demais o conceito simplesmente às instâncias daquilo que acontece e se ensina nas salas de aula pode ter o efeito de ‘tecnicizar’ o ato educativo. Nesse caso, os efeitos políticos no âmbito da cultura e da sociedade parecem ser os mesmos daqueles causados pela conteudização do currículo. Se a conteudização do currículo é uma redução da ordem da epistemologia, a sua restrição ao “ensinar e aprender na sala de aula” é uma redução da ordem do espaço. Em ambos os casos, reduzir o conceito significa nos enfraquecer diante do currículo, isso é, subtrair de nós mesmos o poder – ou, pelo menos, parte do poder – de nos valermos do currículo para intervir pedagógica e politicamente no mundo social e no mundo da cultura.

Apesar do risco pedagógico e político que corro ao ir além do conceito escolar de currículo, como alertam Garcia e Moreira (2003), aposto na ampliação dos seus sentidos para os espaçostempos da cidade como potência para pensá-lo. Com Alves (2010) assumo não fazer sentido a separação entre a “vida escolar” e a que acontece “fora” da escola, uma vez que os processos se dão em rede. Assim como a ideia de segregar em mundos diferentes a teoria e a prática ou as práticas e as políticas. Ou seja, as relações são tecidas em redes, por movimentos de diversas direções, em fluxos que se organizam e se reorganizam com o que somos na escola, mas também contaminados pelo o que nos constitui em diversas redes a que pertencemos.

Para Deleuze e Guattari (1995, 1997) essas redes são compostas por fluxos, movimentos e devires. Como processos contínuos podem se configurar em uma multiplicidade de possibilidades e criações.

Deleuze me leva a pensar na pluralidade de currículos, em “currículos nômades” que habitam todos os territórios. O nomadismo aponta para “uma multiplicidade pura e sem medida, a malta, irrupção do efêmero e potência da metamorfose” (DELEUZE e GUATTARI, 1997 p. 13). Eles não seguiriam os planos hegemônicos, seja na sala de aula, nos usos dos espaços físicos ou dos equipamentos urbanos como quer o poder público. O que nos leva a um currículo sempre em construção, errante, ou

[...] Currículo-Fluido que desterritorializa e reterritorializa, faz ruptura das próprias territorialidades, abrindo-se para o novo e consolidado-o, mediante a construção de outras adjacências, desfaz-se e renuncia a si mesmo, vai embora para outra parte [...] vivem em metamorfose [...] varrem tudo aquilo que, neles, foi organizado e ordenado [...] de modo a poderem criar novos movimentos curriculares que ousem impulsos inovadores e vivam permanentemente *devires-revolucionários* (CORAZZA, 2007, p.23-24-26 grifos da autora).

Já Ferraço (2007) aponta que é preciso resistir à noção de currículo como um documento porque ele é encharcado de outros sentidos da esfera do vivido, que vão além do que é prescrito e determinado em campos discursivos oficiais.

Assim também pensei o currículo dos espaçotempos urbanos, isto é, apesar de haver uma prescrição hegemônica, fixa e normativa sobre os espaços físicos e equipamentos urbanos, esses currículos são nômades, vividos e praticados para além do estabelecido.

3. A potência criativa nos currículos dos espaçotempos das cidades

Segundo Certeau (2008), ao usar algo as pessoas criam formas diferenciadas de viver o cotidiano. Tais práticas, fruto da inventividade do mais fraco, não têm que seguir o *script* traçado por estratégias de quem tenta “determinar” como algo deve ser consumido, pois o sujeito praticante sempre produz alguma coisa.

Para Certeau (2008) não se pode pensar os sujeitos tão aprisionados como em Santaella (2004). Eles podem escapar aos *scripts* dos currículos prescritos, normatizados e esperados. Os usuários de um espaço urbano também tem esse poder, já que eles o modificam indo além dos usos planejados. Por isso, não faz sentido tratar a orla apenas como lugar de “pegar praia”.

Tal invenção se dá pelas práticas ordinárias cotidianas como atitudes políticas que podem manter ou burlar o previsto. Nenhuma ação é imune a um posicionamento político frente à vida, conforme Veiga-Neto (1996, p. 170)

[...] Eu não posso ser um sujeito social sem ser um sujeito político; eu não posso ser um sujeito ético sem ser um sujeito político; eu não posso ser um sujeito epistemológico – isso é, eu não posso nem mesmo pensar ou falar sobre o mundo ou sobre mim mesmo – sem ser um sujeito político.

Certeau (2008) aposta na potência da vida e também encara o outro como alguém capaz de dar uma dimensão política às suas práticas cotidianas ordinárias.

Segundo o autor as táticas “[...] desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelos sistemas onde se desenvolvem” (2008, p.45). Elas não podem se fixar, enquanto a estratégia fixa um lugar de poder. Só na relação localizamos quem ocupa, momentaneamente, o lugar do próprio, e quem está do outro lado. As posições são instáveis e em movimento, ora tática, ora estratégia.

Para Certeau (2008), além das grandes classificações, há o fazer ordinário dos praticantes que mesmo invisíveis são potentes formas de construção das cidades e modos de ser e viver o cotidiano. “Uma cidade *transumante*, ou *metafórica*, insinua-se assim no texto claro da cidade planejada e visível” (CERTEAU, 2008, p.172, grifos do autor). As noções de “espaço” e “lugar” também são atravessadas pelas práticas dos usuários. “Espaço” é o “lugar” marcado pelo humano (Certeau, 2008). Para ele, as práticas produzem o espaço modificando o lugar.

Segundo Certeau, Giard e Mayol (2009), os lugares educam as pessoas a partir dos códigos de conveniência. Na aparência tudo se torna muito homogêneo e ficam condenadas as diferenças nos comportamentos individuais. Os usuários de uma praia, por exemplo, devem manifestar o mínimo de desvio possível dos estereótipos que operam simbolicamente no lugar. Em troca de sua “submissão aos acordos de conveniência” eles construiriam um sentimento de reconhecimento e pertença, para não perder os benefícios da boa convivência. Cabe ressaltar porém que é possível romper com os códigos de conduta.

A orla, portanto, pode escapar a sua “função inicial” de lugar de pegar praia para assumir, com as práticas ordinárias de seus usuários, outros sentidos mediante aos usos que dela são feitos, apesar dos acordos de conveniência.

4. Os (Des)Caminhos

Os cotidianistas herdaram de Certeau a postura de se deixar contaminar pelas redes a partir dos encontros e junto “com” o outro tentar perceber os sentidos produzidos, sem fórmulas pré-concebidas ou engessadas, pois o cotidiano se sobrepõe a qualquer previsão. A pesquisa “com” o cotidiano pressupõe pertencimento do pesquisador ao que é estudado.

O *lôcus* foi a orla de Camburi, em Vitória – ES, Brasil. Os sujeitos da pesquisa nos/dos/com os cotidianos são todos que de modo mais visível ou mais sutil deixam suas marcas nos cotidianos, e nesta pesquisa foram os que “vivem” a orla de Camburi. Os nomes dos participantes são fictícios.

A pesquisa aconteceu em novembro e dezembro de 2016, em idas quase diárias a campo em vários horários, manhã, tarde, noite e madrugada. Busquei sentir intensamente o objeto de pesquisa, afetando-o e sendo afetada por ele. Como o pesquisador à pesquisa pertence com tudo que nele habita, seria mais adequado dizer então que houve uma produção de dados.

Inspirei-me em Alves (2008a, 2008b) sobre o fazer pesquisa nos/dos/com os cotidianos, a saber: sentimento do mundo; virar de ponta cabeça; beber em todas as fontes; narrar a vida e literaturizar a ciência e a *Ecce Femina*.

Mergulhei com todos os sentidos a fim de captar “o sentimento do mundo” lançando-me no cotidiano da orla por terra e mar, mapeando seus espaços visíveis, a rotina do lugar, as regularidades e desvios, as redes de poderes, saberes e fazeres.

Para “virar de ponta-cabeça”, embasei-me em Certeau, mas sem pensar em sua teoria como verdade absoluta, e assim busquei pistas em outros autores, além de possibilidades de análise surgidas e evidenciadas com o cotidiano vivido na pesquisa.

“Beber em todas as fontes” significa também privilegiar fontes talvez vistas como impróprias. Usei os empreendedores, eventos, espaços, objetos, documentos, olhares, comentários, imagens narrativas, entrevistas quantitativas, conversas com usuários e coleta de imagens produzidas e postadas pelos praticantes no Instagram - de onde retirei 10 mil imagens a partir da geolocalização “Camburi” e dessas, classifiquei 6 mil.

Como forma de comunicar os achados e tornar o conhecimento acessível a todos, Alves (2008a) propõe “Narrar a vida e literaturizar a ciência”. Por isso adotei uma linguagem simples e informal para facilitar a transmissão dos aprendizados da pesquisa.

Por último, a *Ecce femina*, que significa considerar a presença dos praticantes no trabalho. Assumo então as falas que presenciei como parte do meu texto, como sinal de um texto escrito a várias mãos, para trabalhar com a ideia de produção de conhecimento em rede.

Quanto a análise, Ferrazo (2003) argumenta que não há como eleger categoria *a priori* quando a proposta é pesquisar nos/dos/com os cotidianos. Assim, é com o cotidiano vivido que assumo minhas questões de investigação como “campos temáticos” agenciadores de “imagens narrativas”.

5. Sobre currículos produzidos a partir dos diferentes usos cotidianos dos sujeitos praticantes dos espaçotempos da orla

Ressalto que a intenção neste artigo é trazer apenas fragmentos dos dados produzidos para movimentar pensamentos e ampliar os sentidos de currículo nos espaçotempos urbanos.

Além dos usos prescritos, há também usos que de modo subversivo escapam às determinações. Tais astúcias dos sujeitos praticantes do cotidiano acabam por produzir currículos nômades, inventivos.

A faixa menos usada de Camburi é o mar, o que não se espera de uma praia. Mas a água sempre imprópria sinaliza a poluição, por isso muitos tem receio de banhar-se no mar. “É uma tristeza muito grande ter um mar tão grande e bonito e não poder tomar um banho” (Caroline). Porém, o espaçotempo do mar é usado para 7 esportes aquáticos. Independente do espaço, a poluição e a sujeira são visíveis no desembocar do esgoto da cidade, no lixo da praia e nas placas de uso impróprio para banho. Isso não impede seu uso esportivo, mesmo que para isso, seja preciso molhar-se no mar.

A prática de atividades físicas em toda orla, incluindo o mar, é comprovada pelas imagens do Instagram. Nas 6 mil fotos

analisadas percebe-se claramente que a praia é usada para preparar o corpo, o que torna Camburi uma praia que não é praia, muito mais uma academia.

Um espaçotempo da Orla que muitos sabem da existência mas poucos comentam é o chamado “Final Feliz”. A região é conhecida pelos encontros e atividades ligadas ao sexo casual (homens jovens), prostituição (travestis) e consumo de drogas. O uso é subversivo e aponta para um currículo errante já que costuma acontecer de dia e bem na entrada de uma grande empresa. *“As pessoas caminham pelo calçadão e se quiserem, entram na matinha perto do viaduto. Lá vão encontrar parceiros para práticas sexuais urbanas. Lá você é livre.” (Eduardo)* Pode-se notar aqui a potência política das práticas ordinárias da qual Certeau (2008) falava.

Outros fios, fluxos frouxos que criam usos para a orla compõem sentidos outros de currículos da praia para além do esperado e legitimado. Sejam pelas paisagens culturais ou pelos acordos de conveniência do lugar, um currículo da orla voltado para atividade física e lazer é desmontado pelos sujeitos praticantes que ordinariamente a utilizam como refúgio. Não é incomum ver cultos religiosos e até mesmo batismos no mar. A praia parece servir não só ao corpo, mas também ao espírito, à alma. *“Para mim, a praia é um antidepressivo. Depois que perdi meu emprego, venho aqui todo dia para não pirar minha cabeça. Se não fosse Camburi, eu estava perdido” (Roberto).*

Outras pistas se apresentam nas improvisações de alguns usuários mapeados: ambulantes e as assessorias esportivas não seguem as normas vigentes, por exemplo. Além dos usuários do futevôlei, canoa havaiana e beach tennis, que instalam e controlam os equipamentos, apropriando-se dos espaços da praia, inclusive construindo um poço artesiano com recursos próprios para molhar o campo “deles”. *“É melhor você tirar sua bolsa dessa mesa aí, porque daqui a pouco o pessoal do futevôlei vai chegar, e essa mesa de madeira aí eles sempre usam” (Moisés)* fala para mim que, pelo visto, era uma intrusa.

6. Considerações finais

Esse estudo não teve a intenção de trazer o que é vivido na orla de Camburi, visto que é claro que as narrativas dos praticantes da orla se revelaram muito mais como expressões das relações, dos fluxos, das redes estabelecidas comigo do que como a vida se dá independente da pesquisa. Mas ajudam a movimentar o pensamento quanto a aparente adequação e predeterminação dos usos e currículos prescritos dos espaçotempos urbanos.

Vivenciar o cotidiano de Camburi me apontou a grande trama de saberes, poderes, fazeres, praticados nos espaçotempos da orla, que configuram a artesanaria dos currículos que desenham as políticas de usos do lugar, criando sentidos sobre o local, seus praticantes e sobre a cidade.

A prática do espaço público é também política e diversa. A multiplicidade dos currículos da cidade deve ser problematizada para que não seja varrida pelos olhares hegemônicos que planejam os usos dos espaçotempos urbanos. E que os currículos das cidades possam ampliar e fortalecer o campo do currículo para além da sua esfera pedagógica, reforçando sua importância cultural e social ampliando as possibilidades de vida.

7. Referências

- ALVES, N. Decifrando o pergaminho – o cotidiano das escolas nas lógicas das redes cotidianas. In: ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. de. Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes. Petrópolis/RJ: DP et alii, 2008a, p. 15- 38.
- ALVES, N. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In: ALVES, N.; OLIVEIRA, I. B. de. Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas – sobre redes de saberes. Petrópolis/RJ: DP et alii, 2008b. p. 39 – 48.
- ALVES, N. Redes educativas "dentrofora" das escolas, exemplificadas pela formação de professores. In: DALBEN, A; DINIZ, J; LEAL, L; SANTOS, L. (Org.). Convergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p.49-66.
- CARVALHO, J. M. O cotidiano escolar como comunidade de afetos. Rio de Janeiro: DP et Alii Editora, 2009
- CERTEAU, M; GIARD, L; MAYOL, P. A invenção do Cotidiano. Vol. 2: Morar, Cozinhar. Tradução: Ephraim Ferreira Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2009.
- CERTEAU, M. de. A cultura no plural. São Paulo: Papirus, 1995.

_____. A Invenção do Cotidiano. Vol. 1: Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2008.

CORAZZA, S. O que Deleuze quer da Educação? Revista Educação - Volume 4. – Especial. 2007

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995. Volume 1.

_____. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia. Rio de Janeiro: Editora 34, 1997. Volume 5.

DELEUZE Pensa a Educação, São Paulo, Editora Segmento, p. 16-27, 2007.

FERRAÇO, C. E. Eu caçador de mim In: GARCIA, Regina leite (org.). Método: pesquisa com o cotidiano. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. Currículo, formação continuada de professores e cotidiano escolar: fragmentos de complexidade das redes vividas. In: _____ (Org.). Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo. São Paulo: Cortez, 2005. p. 15-42.

_____. Pesquisa com o cotidiano. Revista Educação e Sociedade. Campinas, vol. 28, n. 98, p. 73-95, jan./abr. 2007.

GARCIA, R.L. e MOREIRA, A.F. 2003. Começando uma conversa sobre

currículo. In: R.L. GARCIA e A.F. MOREIRA (orgs.), *Currículo na contemporaneidade: incertezas e desafios*. São Paulo, Cortez, 320 p.

SANTAELLA, L. Corpo e comunicação: o sintoma da cultura. São Paulo: Paulus, 2004.

VEIGA NETO, A. 2002a. De geometrias, currículo e diferenças. Educação & Sociedade, XXIII (79):163-186.

_____. 2002b. Cultura e currículo. Contrapontos, 2(4):43-51.

_____. Currículo, cultura e sociedade. Educação Unisinos, São Leopoldo (RS), v. 8, n.15, p. 157-171, 2004.

_____. A didática e as experiências de sala de aula: uma visão pós-estruturalista. Educação & Realidade, Porto Alegre: Faculdade de Educação/UFRGS, v. 21, n. 2, p. 161- 175, jul./dez. 1996.